

MOCHILÃO PELA EUROPA NOS ANOS 90: A MÁQUINA DO TEMPO

POR CLÁUDIA COIMBRA

COMISSÃO DE PARTICIPAÇÃO INSTITUCIONAL FEMININA DO TRE-DF (CPIF)



Na década de 90, as viagens internacionais não eram tão comuns para brasileiros como hoje. Em 1994, muitos fatos marcaram a cena no Brasil e no mundo, entre eles, a Copa do Mundo com o Brasil campeão, o lançamento do primeiro Playstation e as mortes de Ayrton Senna e Tom Jobim.

Quem é jovem em 2021, período no qual a moeda americana chega a valer R\$5,76, como nesse mês de março, custava acreditar que algum dia, com R\$ 0,83 fosse factível comprar US\$ 1,00. Isso foi possível a partir de 1º de julho de 1994, ano de criação do Plano Real, quando as duas moedas foram equiparadas. Por seis anos, até 1999, o Banco Central do Brasil comprou e vendeu a moeda estrangeira de forma a controlar sua cotação com vistas à estabilização da economia, que havia passado pelas dificuldades de um acontecimento inflacionário raro chamado hiperinflação.

Essa facilidade fez com que cinco servidoras do TRE-DF, Adriana, Cláudia, Cristiane, Flor e Thelma, lotadas à época na Corregedoria, Secretaria Judiciária e 10ª Zona Eleitoral resolvessem concretizar o sonho de colocar a mochila nas costas e viajar pela Europa, fazendo uso de um direito que também não existe mais, três meses de licença-prêmio.

Embora as amigas já tivessem tomado a decisão de viajar e o dólar estivesse a um preço acessível, o planejamento duraria quase um ano, pois envolvia muitos detalhes, bastante diferente das viagens internacionais atuais, que contam com facilidades inimagináveis há 25 anos.

As pesquisas de roteiros, cidades, hotéis, passagens que são feitos hoje pela internet, por exemplo, não eram possíveis naquela época. Tripadvisor, Booking, Skyscanner nem pensar; o planejamento era feito com base na leitura de guias de viagens e de sugestões das poucas pessoas que já tinham estado por aquelas bandas. Embora a internet já existisse no mundo e de ter chegado ao Brasil em 1981, tinha acesso limitado apenas a militares e acadêmicos. Em 1994, ela passou a ser vendida para o consumidor comum, mas em caráter piloto.

Cada uma das cinco amigas tinha seus países e cidades preferidos e depois de decidirem os países da Europa que queriam conhecer, incluíram também Egito e Israel. Foram necessárias diversas idas a agências de viagens e embaixadas desses países para conseguirem dicas das cidades escolhidas, informações sobre vistos, panfletos com endereços e dados que pudessem ser relevantes. Mapas para se orientarem e livretos de turismo somente no formato físico.

No meio do planejamento, Cristiane precisou trocar de carro e desistiu de acompanhar o grupo e a amiga Rosi, bancária, completou o quinteto.

A compra da passagem foi feita na agência da extinta empresa aérea Varig, no Setor Hoteleiro Sul. O bilhete parecia um carnezinho, com cópia em papel carbono, no qual os dados do voo eram escritos à caneta. O passe de trem, para três meses, também em papel, foi comprado na agência de turismo.

Naquela época, o comum era levar dinheiro em espécie e talões de travellercheck, um tipo de cheque que podia ser trocado por moeda local em estabelecimentos financeiros e comerciais.

O tão esperado dia do embarque chegou no mês de abril de 1995. Com todo o dinheiro para três meses de aventura guardado seguramente na doleira sempre presa na cintura, mochilas pesando entre 15 e 20 kg e clima de pura felicidade, as cinco jovens, com menos de 30 anos, partiram para a tão sonhada viagem fora do Brasil.

A cidade escolhida para a chegada foi Paris, onde se encontraram com a amiga Laura, também servidora do Tribunal que acompanhava o esposo que lá estudava. Laura conseguiu acomodações muito boas, a preços módicos, nos alojamentos da universidade, pois muitos alunos encontravam-se de férias visitando suas famílias. Uma ajuda maravilhosa! Doze dias na Cidade Luz serviram para começar muito bem o percurso.

Além dos prazeres de conhecer lugares, pessoas e culturas diferentes, foram muitos os desafios encontrados. O Euro nasceu em 1999, portanto a cada mudança de país e de língua havia, também, a troca de moeda (dracma grega, lira italiana, marco alemão, franco francês etc.). A calculadora era item básico e estava sempre à mão. A amiga Adriana era a expert da conversão cambial do dia.

Sem Whatsapp, a comunicação com a família era feita por cartões postais, que demoravam mais de uma semana para chegar, ou, quando possível, por uma ligação telefônica de poucos minutos, a um custo exorbitante, para uma das famílias apenas para dizer que estava tudo bem, o que era transmitido para os outros pais.



1º dia em Paris

02 ENTRETENIMENTO COMISSÃO FEMININA

Cada uma levou vários rolos de filme de 36 poses para as máquinas fotográficas analógicas. Devido ao preço, não dava para ficar tirando fotos de comidas ou selfies como hoje em dia. Para ver o resultado das fotos, era necessário ter paciência; era preciso deixar o rolo de filme utilizado em uma loja para ser revelado e as fotos ampliadas e pegar no dia seguinte, pagando-se por todas as poses, nítidas ou não. Mesmo assim, cada uma conseguiu trazer mais de 500 fotos impressas na bagagem. Um luxo!

Com a carterinha de alberguistas do Hostelling International, nas cidades seguintes as reservas de hospedagem eram feitas nas estações de trem, com a ajuda do atendente do serviço de turismo local, que telefonava para os albergues para verificar a disponibilidade. As opções eram, em geral, para quartos cheios de beliches; não havia os chamados albergues de charme, com decoração moderninha. Hoje, seria como um filme de época.

Depois de visitar cidades em dezenove países, muitos quilômetros de caminhadas e viagens noturnas de trem (para economizar), as amigas partiram de Londres de volta para o Brasil. Cada uma pôde realizar seu sonho individual de conhecer lugares que só conheciam por revistas ou livros de história, certas de que voltariam e que aquela seria a primeira de muitas viagens.

Tudo mudou consideravelmente de lá pra cá, de maneira a facilitar a vida de quem gosta de viajar. O único detalhe negativo hoje é o poder de compra da moeda brasileira que, a partir de 1999, sofreu várias desvalorizações. O Banco Central intervém somente para manter a funcionalidade do mercado de câmbio, no regime chamado de câmbio flutuante.

A entrada no mercado de empresas aéreas lowcost, viagens nacionais e internacionais com milhas, Airbnb, muitos sites de viagens nos quais se obtém informações detalhadas e opinião atualizada dos viajantes, internet de graça em cafés no mundo todo, ligações sem custo pelo whatsapp foram uma evolução e tanto. Com tantas facilidades, quando todos estiverem vacinados, a pandemia passar e o real se recuperar, a dica é aproveitar todas essas possibilidades para colocar o pé na estrada.



Budapeste